

LACTÂNCIO E O *TOPOS* DA *HISTORIA MAGISTRA VITAE*: UMA ANÁLISE DA OBRA *SOBRE A MORTE DOS PERSEGUIDORES*

Diogo Pereira da Silva*

Resumo:

*No presente artigo, temos por objetivo analisar a influência do topos clássico da “historia magistra vitae” no opúsculo **Sobre a morte dos perseguidores**, escrito pelo rétor cristão norte-africano Lactâncio (c.250-c.325). Nessa obra, observamos o intercruzamento dos cânones da historiografia greco-romana clássica e das ideias cristãs sobre a Providência Divina enquanto diretora da História.*

Palavras-chave: Antiguidade Tardia; historiografia antiga; apologia cristã; Lactâncio.

I

No ano de 1679, Étienne Baluze (1630-1718) – o bibliotecário-chefe de Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), o Controlador das Finanças do rei francês Luís XIV (1638-1715) –, publicou a *editio princeps* de um manuscrito até então desconhecido (BALUZII, 1679), que havia sido descoberto no Mosteiro Beneditino de *Saint Pierre de Moissac* poucos anos antes (MOUREAU, 1954, p.39). Esse manuscrito continha apenas uma indicação de sua autoria, possuindo como título **Lucci Caecilii liber ad Donatum confessorem de mortibus persecutorum** (Livro de Lúcio Cecílio a Donato, confessor da morte dos perseguidores).

* Doutorando em História Comparada no Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Professor da Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e pesquisador do Laboratório de História Antiga da UFRJ (Lhia-UFRJ).

Nas pesquisas eruditas, esse trabalho passou a ser reconhecido sob a alcunha **De mortibus persecutorum (Sobre a morte dos perseguidores)**. No prefácio dessa obra, o autor reconheceu que sua intenção era oferecer uma narrativa das mortes terríveis dos “tiranos”, isto é, dos imperadores que perseguiram os cristãos durante a chamada “Grande Perseguição” (303-311/313), isto é, Diocleciano (284-305), Maximiano (285-305; 306-308), Galério (293-311), Severo (305-306), Maximino Daia (305-313).

Embora tenha limitado o seu escopo, observamos que, para além de sua proposta inicial, o autor incluiu a narrativa das mortes de imperadores anteriores, os “tiranos” Nero (54-68), Domiciano (81-96), Décio (249-251), Valeriano (253-260) e Aureliano (270-275).

No entanto, a obra não se limita a apenas descrever as mortes desses imperadores, sendo uma importante documentação para os eventos econômicos, políticos e sociais da época da Tetrarquia. Além disso, seu autor vaticinou o surgimento de uma nova era, uma vez que os imperadores contemporâneos – Constantino (306-337) e Licínio (308-324) – se tornaram protetores do Cristianismo (BARNES, 1973, p.30).

Consequentemente, o **Sobre a morte dos perseguidores** era um opúsculo de um autor cristão, e Étienne Baluze identificou o autor *Lucius Caecilius* com *Lucius Caecilius Firmianus Lactantius*, um dos chamados Pais da Igreja e reputado autor de vários tratados teológicos (como **Sobre a Ira de Deus** e **Instituições Divinas**), o qual foi mencionado na biografia número oitenta da obra **Sobre os varões ilustres**, de Jerônimo (347-320):

Firmiano, conhecido também como Lactância, um discípulo de Arnóbio, durante o reinado de Diocleciano foi chamado para Nicomédia com Flávio, o Gramático, cujo poema Sobre Medicina ainda permanece; lá lecionou retórica e, devido à falta de pupilos (pois esta era ainda uma cidade grega), ele se entregou à escrita. Temos [a obra] o Banquete, a qual escreveu em sua juventude na África e [a obra] um Itinerário, sobre a jornada da África até Nicomédia, de escrita hexamétrica, e outro livro chamado Gramático, e um dos mais belos livros, Sobre a Ira de Deus, e Instituições Divinas contra os pagãos, [em] sete livros, e um Epítome do mesmo trabalho em um volume, sem título, também dois livros Para Asclepiades, um livro sobre a perseguição, quatro livros de Epístolas para Probo, dois livros de Epístolas a Severo, dois livros de Epístolas a seu

discípulo Demetrius e um livro para o mesmo Sobre a obra de Deus ou a criação do homem. Em sua avançada velhice, foi tutor de Crispo César, um filho de Constantino, na Gália, o mesmo que posteriormente foi morto a mando de seu pai.

Étienne Baluze identificou o **De mortibus persecutorum** com o **De persecutione (Sobre a perseguição)**, mencionado por Jerônimo. Desse modo, ele publicou uma descoberta de grande relevância, devido a dois fatores: por um lado, a obra lidava com uma época crucial da história da relação entre o Império Romano e a religião cristã; e, por outro, foi escrita por um cristão preeminente, contemporâneo a esses acontecimentos.

Não obstante, foi uma descoberta perturbadora. À época do reaparecimento da obra **Sobre a morte dos perseguidores**, as versões dos mesmos eventos, oferecidas por Eusébio de Cesareia (c.265-339) na **História Eclesiástica** e na **Vida de Constantino**, eram universalmente aceitas há mais de um milênio. Por exemplo, era aceito pela Cristandade Europeia que haviam ocorrido várias e cruentas perseguições aos cristãos durante a época do Principado, as quais resultaram em numerosos mártires para a Igreja Cristã.

Além disso, aceitava-se que, apenas após a miraculosa conversão de Constantino no ano de 312, foi garantida aos cristãos a liberdade de culto na parte ocidental do Império Romano, sendo estendida a todo o império após a eliminação de Licínio, o último dos perseguidores, no ano de 324.

O **Sobre a morte dos perseguidores** diferia, em muito, dessa tradição eusebiana. Outros pontos interessantes eram que Lactâncio mencionava apenas cinco perseguições, limitadas antes daquela posta em prática pela Tetrarquia; e não lidava com o conceito de martírio, tão utilizado por Eusébio de Cesareia. Ademais, Lactâncio também representava Licínio como um imperador simpático ao Cristianismo, tendo colaborado com Constantino em sua luta contra os perseguidores.

Portanto, é compreensível que o **Sobre a morte dos perseguidores**, tão radicalmente contraposto às ideias tradicionais, se tornasse alvo de severos ataques dos defensores da versão eusebiana dos eventos. Principalmente, eles buscaram demonstrar que *Lucius Caecilius* não era a mesma pessoa que o Pai da Igreja, Lactâncio (BRANDT, 1897, p.VIIss; MOUREAU, 1954, p.73ss). Desse modo, o trabalho não possuía o valor a ele atribuído e poderia ser rejeitado como um opúsculo a ser apenas cotejado com as obras de Eusébio, de forma a completá-lo.

Mais de duzentos anos se passaram até que René Pichon, em 1901, demonstrasse que Lactâncio, com muita probabilidade, era o autor da obra **Sobre a morte dos perseguidores** (PICHON, 1901, p.337). Mesmo o próprio Reverendo Samuel L. Brandt, que havia editado as *opera omnia* de Lactâncio, em 1897 – tendo negado à época que tal obra fosse de Lactâncio –, aceitou as conclusões de René Pichon.

Entretanto, havia outras formas pelas quais se poderia desmerecer a evidência de Lactâncio. O procedimento mais comum, entretanto, era utilizar aquelas porções do trabalho que referendavam a narrativa tradicional e ignorar aquelas que a contradiziam.

A utilização seletiva de uma documentação, entretanto, acaba por ser uma forma de rejeição da mesma. Durante séculos, essa obra não foi utilizada como evidência central das reconstruções históricas - até 1931, quando o estudioso belga, Henri Grégoire, utilizou-a como base para as suas argumentações sobre a conversão de Constantino (GRÉGOIRE, 1931).

Um dos alunos de H. Grégoire, Jacques Moreau (MOUREAU, 1954), também buscou evitar o abuso da documentação expresso no método seletivo utilizado até o início do século XX. Ele acreditava, ademais, que a informação de Jerônimo demonstrava que Lactâncio esteve na Gália, nos anos de 318-319. Desse modo, propôs tal data para a composição da obra.

A argumentação de Moreau é a de que Lactâncio adquiriu a maior parte de suas informações sobre os eventos do próprio Constantino; o resto de seu conhecimento era baseado em suas próprias experiências de vida. Com certas modificações, as conclusões de Moreau e Pichon representam as conclusões aceitas pela maior parte dos pesquisadores que se dedicaram a traduzir essa obra na atualidade (SANCHEZ SALOR, 1990; McDONALD, 1965).

No entanto, há, ainda, várias questões não resolvidas que rondam a obra, e algumas conclusões aceitas devem ser objeto de revisão. Não é nossa intenção debater sua autoria, como outros o fizeram antes, pois as conclusões de Pichon não devem ser desconsideradas. Por outro lado, buscamos discutir como a noção da *historia magistra vitae* (história mestra da vida) se encontra incorporada em **Sobre a morte dos perseguidores** e como essa perspectiva dialoga com a historiografia eclesiástica tal qual era desenvolvida, na mesma época, por Eusébio de Cesareia.

II

O conteúdo principal do **De mortibus persecutorum** foi brevemente exposto no prefácio e no epílogo da obra, nos quais o próprio Lactâncio ofereceu uma apresentação detalhada do tema principal e da abordagem sobre os acontecimentos.

Prefácio (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, I, 1-9):

O Senhor, oh, caríssimo Donato!, ouviu as preces que todos os dias e todas as horas elevavas à Sua presença, e às de nossos demais irmãos que, com seus gloriosos testemunhos, alcançaram a coroa eterna como recompensa aos méritos contraidos por sua fé.

Posto que, uma vez aniquilados todos os seus inimigos e restabelecida a paz em todo o orbe, a Igreja até há pouco humilhada, ressurgue novamente, e o templo de Deus, que havia sido destruído pelos ímpios, é reconstruído com maior esplendor graças à misericórdia do Senhor Deus, com efeito, promoveu alguns príncipes que puseram fim ao poder maligno e sangrento dos tiranos e proporcionaram à humanidade, após dissipar a nuvem da sombria época anterior, uma paz alegre e serena, cheia de regozijo nas mentes de todos.

Agora, após a negra tempestade e os violentos turbilhões, o ar está em calma e brilha a desejada luz. Agora, aplacado pelas preces de seus servos, Deus ergueu, com sua ajuda celestial, os que haviam sido afligidos. Agora, desbaratada a conspiração dos ímpios, secaram-se as lágrimas dos que sofriam. Os que se levantaram contra Deus jazem na terra; os que destruíram o santo templo caíram com um estampido maior; os que torturam os justos entregaram suas almas criminosas aos castigos celestiais e aos tormentos que se fizeram credores.

Tardiamente, em verdade, mas com dureza e de acordo com seus méritos, Deus retardou seus castigos para mostrar, através deles, os seus grandes e admiráveis exemplos para que os vindouros aprendessem que Deus é uno e juiz que impõe aos ímpios e aos perseguidores os dignos suplícios de um vingador. É sobre sua morte que me pareceu bem deixar testemunho escrito, a fim de que todos, tanto aqueles que não foram testemunhas dos acontecimentos, como aqueles que nos sucederão, saibam de que modo o Deus

supremo mostrou seu poder e majestade na extinção e aniquilação dos inimigos de seu nome.

Epílogo (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, LII, 1-5):

Todos estes fatos que julguei oportuno consignar por escrito fielmente – pois me dirijo a uma pessoa que os conhece –, tal como sucederam, com a finalidade de que não se perdesse a recordação de acontecimentos tão importantes e de que, se alguém quisesse escrever depois a história, não altere a verdade silenciando as ofensas daqueles contra Deus e o juízo de Deus sobre eles. Devemos dar graças à sua eterna misericórdia, pois, no fim, voltou seus olhos a terra e se dignou a reunir e recompor seu rebanho, que se achava, em parte, dizimado pelos lobos rapaces, em parte dispersado, e exterminar as ervas daninhas que arrasaram os pastos do rebanho divino e assaltado os currais.

O que há agora daqueles cognomes de Jovios e Hercúleos, brilhantes e ilustres entre os povos, que, pela primeira vez, adotaram com insolência Diocles e Maximiano, e depois herdaram e mantiveram seus sucessores? O Senhor, em verdade, os aniquilou e erradicou da terra.

Assim, pois, celebremos com alegria o triunfo de Deus, concorramos em massa a festejar com elogios Sua vitória, celebremo-Lo com preces de noite e de dia, celebremo-lo para que conserve para sempre a paz que, após dez anos de guerras, concedeu a seu povo.

De um modo especial, tu, caríssimo Donato, que obteve méritos para ser ouvido por Deus, rogue ao Senhor para que, indulgente e benévolo, manifeste sua misericórdia também a seus servos; para que libere seu povo das insídias e ataques do diabo; para que proteja a paz perpétua da Igreja florescente.

Em primeiro lugar, é óbvio que estamos lidando com uma obra abertamente cristã. Porém, seu caráter único já surge por ser a primeira obra cristã centrada, em sua maior extensão, em eventos políticos. Nem nas obras de seu ilustre contemporâneo – Eusébio de Cesareia –, podemos encontrar um tratamento histórico similar, uma vez que este se concentrou na narrativa do desenvolvimento interno da Grande Igreja, a qual ele suplementou com

uma narrativa de suas relações com as autoridades imperiais romanas onde estas eram importantes para o entendimento de sua própria história.

Se uma parte importante de seus conteúdos não é tradicional, Lactân-
cio encontra-se em débito com a tradição cristã dos apologistas no que se
refere à argumentação básica que ele formulou para sua obra. Fundamen-
talmente, o **Sobre a morte dos perseguidores** é um relato do conflito entre
o *Bem* e o *Mal*, de *Deus* contra os *Demônios*.

O mesmo tema é encontrado nas obras apologéticas, nos atos de már-
tires dos séculos II e III, e na **História Eclesiástica** de Eusébio de Cesa-
reia. Em Lactân-
cio, isso se encontra mais claramente expresso no trecho
do Prefácio que reproduzimos acima, no qual presta a sua homenagem ao
confessor Donato, ao qual o opúsculo foi dedicado.

Cabe notar que um confessor era um cristão que, embora submetido à
perseguição, sobreviveu às torturas e provações, não tendo sofrido o martírio.
Para Lactân-
cio, Donato representava o *Bem*, considerando que os imperado-
res-perseguidores e os agentes da administração imperial personificavam o
Mal (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, XVI, 3-11).

Lactân-
cio, então, lidava com o drama do conflito entre o *Bem* e o
Mal, usando personagens humanos que encenavam o conflito cósmico.
Deus elevou os imperadores que destruíram os perseguidores, e Donato
lutou contra os Demônios que tomaram a forma dos imperadores. Por essa
mesma razão, os personagens de Lactân-
cio eram ou bons, isto é, cristãos,
ou maus, isto é, pagãos, e eles agiam de acordo com esta natureza.

Observamos mais um traço da teologia de Lactân-
cio: homens capazes
de escolher entre o *Bem* e o *Mal*, e não compelidos sempre a agir da mesma
forma, como os conhecemos da historiografia tradicional greco-romana.
Talvez, a ideia básica derive da tradição cristã, mas com a consistência com
a qual seus pontos foram desenvolvidos na historiografia medieval.

A tradição e a renovação estavam conjugadas na noção que Lac-
tân-
cio possuía do “Julgamento de Deus”. Essa ideia não é desconhecida
dos cristãos, uma vez que deriva das narrativas e profecias bíblicas, e
constitui, na realidade, uma variante do tema mencionado. Entretanto, a
consistência utilizada por Lactân-
cio o fez antecipar a visão de história de-
senvolvida por Paulo Orósio – e corporificada em sua **Historiae adver-
sum paganos (História contra os pagãos)**, composta em 417 – através
de crônicas medievais.

A obra de Lactâncio era dominada pela noção, derivada da literatura apologética, de que a perseguição não vai acabar até que o *Bem* tenha derrotado o *Mal*, e os *maus*, através de um trabalho de *conversatio morum*, se tenham tornados cristãos, e isto começaria com a conversão dos imperadores ao cristianismo.

Essa ideia de conversão é encontrada em Lactâncio em sua narrativa do conflito mortal entre Deus e o arquiperseguidor Galério (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, XXXIII, 11). De acordo com as ideias de Lactâncio, Galério havia se tornado, então, um cristão e pôde, consequentemente, emitir o seu Edito de Tolerância em 311, que assegurava a liberdade de religião aos cristãos.

Ao ligar o problema da perseguição com a personalidade do imperador, Lactâncio também seguiu os cânones da apologética. De uma forma geral, os apologistas buscaram demonstrar que o inimigo não era o Império Romano, mas os imperadores-perseguidores, que, em geral, eram aqueles que também foram condenados pelos historiadores pagãos.

Tertuliano, por exemplo, apontou que o primeiro perseguidor foi Nero (**Ad nationes**, I, 7). Em poucos textos da literatura cristã, entretanto, esse atributo da apologética foi tão consistentemente apresentado como em **Sobre a morte dos perseguidores**. A razão para tal mudança deve ser buscada na nova situação com que os cristãos estavam lidando, uma vez que passaram a possuir o direito de cultuar livremente seu Deus, e os imperadores, de acordo com Lactâncio, se tornaram cristãos.

Ele pode, então, calmamente descrever os imperadores-perseguidores de sua própria época como *maus* porque eles foram inimigos – em maior ou menor grau – dos imperadores vitoriosos (Constantino e Licínio).

Mas ele precisou ser cuidadoso na escolha dos imperadores pretéritos que também foram considerados *maus imperadores* pela tradição romana pagã, a fim de que sua narrativa cristã não fosse culpada de uma total rejeição do poder imperial romano. Tal atitude seria desastrosa para os cristãos de sua época. Por isso, ele escolheu atacar pelas perseguições apenas cinco imperadores: Nero, Domiciano, Décio, Valeriano e Aureliano (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, II-VI), embora soubesse bem que eles não eram os únicos.

Uma leitura de outra obra de Lactâncio, as **Divinae Institutiones** (**Instituições Divinas**) demonstra que ele tinha ciência da coleção Ulpiana

conhecida como *rescripta nefaria* contra os cristãos (LACTÂNCIO. **Instituições Divinas**. V, 11, 19). Como Ulpiano foi executado em 228, os rescritos citados devem se oriundos do início do século III. Dois deles, datados respectivamente dos reinados de Trajano e Adriano, foram transmitidos de outra forma (PLÍNIO O JOVEM. **Cartas**, X, 96-97; EUSÉBIO DE CÉSAREA. **História Eclesiástica**, IV, 9).

Entretanto, não seria condizente com os propósitos de Lactâncio condenar esses imperadores, pois eram vistos como *bons imperadores* pelos historiadores pagãos, além de não terem morrido de forma miserável.

Outro aspecto da visão de Lactâncio é que ele representava os imperadores-perseguidores como bárbaros não romanos, que tinham por objetivo apenas destruir o Império Romano. O ponto máximo dessa visão está representado no virulento ataque que desfere contra Galério, que teria pretendido mudar o nome de “Império Romano” para “Império Dácico” (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, XXVII, 8).

O verdadeiro imperador romano para Lactâncio seria aquele que protegesse o Cristianismo contra a injustiça (Constâncio), aquele que fosse cristão (Constantino e Licínio) e aquele que governasse de acordo com as necessidades do Senado e do Povo de Roma (Constantino). Contra esse pano de fundo sua escolha das figuras imperiais se torna compreensível e seu uso é lógico.

III

Em sua visão de história, então, Lactâncio era uma mistura de tradição e renovação, e, na apresentação de seu ponto de vista, também combinou antigas e novas perspectivas; assim, representava a época de transição na qual o autor vivia. Portanto, não é de surpreender que os historiadores tenham dificuldades em classificar seu trabalho como apologetico ou histórico.

Podemos observar várias características da *historia magistra vitae* nos dois fragmentos que destacamos: por exemplo, o desejo de Lactâncio em deixar um registro escrito que servisse de um conjunto de exemplos dos juízos de Deus sobre os ímpios; ou mesmo, o exemplo de Donato, que se tornou um modelo de conduta cristã a ser seguida pelos leitores da obra.

Por um lado, é, certamente, um trabalho historiográfico, mas, por outro, ele desvia de várias formas da historiografia clássica tal qual a conhe-

ceмос. Normalmente, o **Sobre a morte dos perseguidores** é classificado como um panfleto. Mas ninguém buscou definir o que isto significa.

É importante, portanto, tentar determinar a que gênero tal obra pertence, de forma a vermos se tal constatação nos permite uma melhor interpretação do texto.

Se examinarmos o prefácio e o epílogo novamente, não há lugar para dúvidas. Em suas demandas pela verdade e sua noção de história como *magistra vitae*, Lactâncio segue a visão com que Cícero, em seu *De oratore* (II, 36), observava a História, isto é, como *vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae e nuntia vetustatis* (a verdadeira testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice).

Conforme analisa Reinhardt Koselleck (2006, p.41-3), a História, desde a Antiguidade até o século XVIII, apresentava como característica a de servir como uma coletânea de exemplos que poderiam ser utilizados para o aperfeiçoamento moral ou intelectual dos contemporâneos ou pósteros.

Nessa acepção, as “histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas” (KOSELLECK, 2006, p.43). A *historia magistra vitae* apresenta-se como um manancial fecundo do qual os oradores retirariam exemplos dirigidos para a vida prática.

Também podemos notar que as ideias de Lactâncio sobre a verdade são, de certa forma, diferentes daquelas da historiografia clássica greco-romana, posto que ele observasse a História como um drama histórico do conflito entre o *Bem* e o *Mal*, sujeitos ao julgamento de Deus. Além disso, a explicação profunda de todos os eventos foi determinada no início dos tempos.

Se, ao final, Lactâncio não é muito diferente dos historiadores pagãos em questões de forma, é porque ele se apropria de seus métodos de argumentação em suas explicações das causas dos eventos.

Entretanto, há grandes dificuldades em descrever o **Sobre a morte dos perseguidores** como uma obra de história. Lactâncio escolheu um tipo de forma um pouco diferente daquela de seus predecessores, pois, como já frisamos, no Prefácio e no Epílogo, o opúsculo foi dedicado ao confessor Donato.

Confessores gozavam de uma grande reputação dentro das primeiras comunidades cristãs, uma vez que eram vistos como especialmente escolhidos por Deus, algo que é bastante claro nessa obra de Lactâncio.

Além disso, o tributo a um confessor é um tema comum presente nos martiriólogos. É interessante encontrá-lo numa obra que lida, principalmente, com a história imperial, e se torna quase incompreensível se considerarmos o trabalho como uma obra de caráter histórico.

Caso se comparem o Prefácio e o Epílogo aos outros dois pontos da narrativa nos quais Lactâncio se dirige nominalmente a Donato e o louva por sua firmeza e fê em Deus (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, LII, 1), torna-se mais lógico considerá-lo como uma carta a um confessor.

Entretanto, tal conclusão também não resiste a análises mais profundas, pois muitos dos elementos do trabalho se chocam com qualquer definição do **Sobre a morte dos perseguidores** como exemplar do gênero epistolar.

A solução pode ser encontrada nas palavras do Epílogo, que demonstram que a obra era compreendida como uma história. Pode ser visto que Lactâncio pretendia caracterizar o trabalho como um *hypómnema* ou *commentarius*.

Por definição, esse tipo de obra era uma coleção de escritos que lidavam com eventos históricos e que serviam ao uso dos historiadores; e o estilo, forma e conteúdos. Entretanto, nosso conhecimento sobre o gênero *hypomnema/commentarius* é muito limitado, tornando perigosa qualquer definição da obra de Lactâncio como parte desse gênero.

No atual estado das pesquisas, não é possível relacionar o **Sobre a morte dos perseguidores** a qualquer gênero definido, caso mantenhamos nosso entendimento das características próprias de cada um.. As dificuldades são especialmente grandes, se tentarmos relacioná-lo ao gênero histórico.

A figura de Donato não é o único item que ultrapassa os cânones da historiografia tradicional clássica. Aham-se várias citações à obra de Virgílio nos pontos-auge da ação, que são cruciais para o entendimento do texto. Ademais, o diálogo ocupa um lugar de destaque na composição (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, XVIII, 7-15).

Além disso, um capítulo inteiro é permeado de datas exatas (LACTÂNCIO. **Sobre a morte dos perseguidores**, XVII), e várias outras circunstâncias podem ser notadas; no entanto, deve-se admitir que haja precedentes para todas essas peculiaridades mencionadas na historiografia greco-romana.

Estamos lidando, portanto, com uma escolha que pode mudar nossa ideia de gênero histórico, ao assumirmos que este era visto de forma dife-

rente nessa época de transição, ou aceitando que Lactâncio deliberadamente escolheu romper com a forma clássica.

Outra explicação, a que nos levaria a afirmar que Lactâncio não era capaz de escrever uma obra de gênero histórico, deve ser rejeitada, dado que ele era um dos oradores mais famosos de sua época, a ponto de ser convidado a servir na residência imperial na cidade de Nicomédia, e era, obviamente, capaz de escrever um trabalho nesse gênero.

O propósito mais importante é, claramente, difundir a mensagem do julgamento soberano de Deus, que pune os perseguidores, isto é, a obra se encontra no inter cruzamento dos cânones da historiografia clássica – por se utilizar de exemplos dos imperadores anteriores e ao somar novos exemplos à coletânea – e das ideias cristãs acerca da Providência Divina enquanto diretora da História.

Nesse sentido, observamos o entrelaçamento da *historia magistra vitae* com o providencialismo cristão, o que pode ser evidenciado por toda a obra, seja na narrativa das mortes dos perseguidores, seja na narrativa das glórias dos imperadores cujas ações foram dirigidas pela providência divina, como Constâncio, Constantino e Licínio.

LACTANTIUS AND THE *TOPOS OF HISTORIA MAGISTRA VI-TAE*: AN STUDY OF THE OPUSCULE ‘ON MANNER IN WHICH THE PERSECUTORS DIED’

Abstract: *Our main purpose in this article is to examine how the topos of historia magistra vitae had influenced the opusculum Of the manner in which the persecutors died of the Christian rhetor Lactantius (c.250-c.325). In this opusculum, we can observe the intersection of the canons of classical historiography and the Christian ideas about the Divine Providence as governor of the History.*

Keywords: *Late Antiquity; Ancient Historiography; Christian Apology; Lactantius.*

Documentação escrita

BRANDT, Samuel. **Lactantius Firmianus:** Opera Omnia. Pars II. Fasc. II. Vienna, 1897 (*Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*).

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

LACTANCE. **De la mort des persécuteurs**. Trad. Jacques Moreau. Paris: Les Belles Letres, 1954.

LACTANCIO. **Sobre la muerte de los perseguidores**. Trad. Ramon Teja. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

LACTANCIO. **Instituciones Divinas**. Trad. Eustáquio Sanchez Salor. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

LACTANTIUS. **The Minor Works**. Trad. Irmã Mary Francis McDonald. Washington: The Catholic University of America Press, 1964.

JEROME. *The principal Works*. Trad. W. H. Fremantle. In. SCHAFF, P.; WACE, H. (Ed.) *A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Tome II-6. Edinburgh: T&T Clark, 1892.

PLINY THE YOUNGER. **Lettres**. Baltimore: Penguin Books, 1969.

TERTULLIEN. **Aux nations**. Trad. A de Genoude. Paris, 1852.

STEPHANI BALUZII. **Myscellaneorum liber secundus**. Paris, 1679.

Referências bibliográficas

BARNES, T. D. *Lactantius and Constantine*. **Journal of Roman Studies**, v. 63, p.29-46, 1973.

GREGOIRE, H. *La “conversion” de Constantin*. **Revue de l’Université de Bruxelles**, v.36, 1931.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

PICHON, R. **Lactance**. Paris: Hachette, 1901, p.337.